

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

A CRÍTICA AUSTRIACA E A ARTE BRASILEIRA

ARTE BRASILEIRA EM TOURNÉE EUROPÉIA

"Foi organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro uma Exposição de arte brasileira, que iniciou uma tournée pelos países europeus. A Sociedade Cultural Austríaca trouxe a exposição de Munique e a apresenta, no momento, na Academia da Schillerplatz, onde as obras, ordenadas sem rigorismo, estão dispostas de maneira atrativa. A intenção foi a de colocar, ao lado de artistas já consagrados, jovens valores, para oferecer aspectos os mais variados possíveis.

Obras em estilo abstrato predomina, com representantes de todas as correntes. Grande espaço ocupam as obras que poderiam ser consideradas como derivando de Mondrian. Aqui a exatidão predomina, embora as produções padeçam de alguma pobreza de modulações e certa secura. As esculturas abstratas são mais representativas. Elas se impõem pelo movimento, ritmo ou seus efeitos espaciais. Mário Cravo, Bruno Giorgi, Maria Martins, Luiz Sacilotto e Franz Weissmann devem ser aqui mencionados. O quadro pintado em fundo vermelho, "Festival da Paz", de Manabu Mabe, com um sinal negro através da tela, apresenta significativo enigma. A composição, no entanto, é excelente. A gravura tem-se desenvolvido muito nos últimos tempos. Bons exemplos de gravura encontramos em João Chaves (Composição nº. 4), Mário Carneiro e nas xilografias de Marcello Grassmann, Fayga Ostrover e Pedrosa d'Horta.

A impressão mais forte é causada por Portinari (56 anos), uma das personalidades mais significativas da vida artística brasileira. O impacto se verifica, não só pela força de expressão, ou escolha de temas, mas também, pela realização pictural e formal de suas obras. A força da pintura de Portinari se origina de uma estreita ligação com as raízes profundas do solo de sua pátria.

Seu "Cangaceiro" com pes e mãos de tamanho aumentado, uma das quais segura a arma, com uma rosto enrugado de índio, em cima de um "back-ground" verde-amarelo e alaranjado, é uma produção de 1ª qualidade. De maneira sintética, constrói ele o quadro "Mortos". Ao lado de uma índia carajá e de uma dançarina, vemos ainda um detalhe de seu mural "Guerra". A estada de Portinari em Paris deixou pouquíssimos vestígios em sua personalidade artística. De Di Cavalcanti, pintor, crítico de arte, jornalista e poeta, em uma só

O EUROPEU E O NACIONAL NA ARTE BRASILEIRA

No mesmo dia em que se iniciou esta manifestação internacional de arte moderna, foi inaugurada em Viena, na Academia de Belas Artes, uma "Exposição de Artistas Brasileiros". O fato desta exposição, organizada pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ter sido trazida a Munique, (exibida na "Haus der Kunst") e em seguida a Viena, é, antes de tudo, mérito do empreendedor secretário-geral da União Cultural Austríaca, Herbert Gaisbauer.

Encontramos nesta mostra dois nomes significativos: Lasar Segall e Cândido Portinari. Segall, falecido em 1937, está representado exclusivamente por gravuras (de 1912 a 1930) que trazem a marca do expressionismo alemão, que ele, por ocasião das primeiras exposições de arte moderna em São Paulo e Campinas, trouxe ao público pela primeira vez. Seus quadros apresentados na última Bienal de Veneza, e que constituem a parte principal de sua obra, estão infelizmente ausentes desta exposição.

Portinari mistura influências europeias, notadamente do expressionismo, com o patrimônio espiritual de sua pátria. O "Cangaceiro", com seu desamparo armado, parece um inseto cansado. A arma parece ter-se tornado parte integrante de sua essência. A "Dançarina-Carajá" recusa a existência humana e se transforma em uma apavo-

peção, o qual, além de Portinari, muito influenciou a arte de seu país, encontramos alguns nus de mulheres, muito escuros, com influências cubistas, de frente de um "back-ground" de diversas cores.

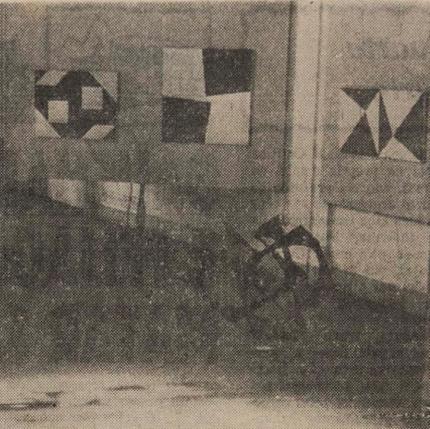
Um "Mercado de Peixe", em cores frescas e alegres, sob montanhas verde-escuras e um céu azul, e o belo óleo (Ceifadores de Arroz), que lembra os primitivos, não o que vemos da pintora Djanira. Na maneira narrativa dos primitivos, oferece Elza Martins da Silveira o quadro "Canudos", de muito efeito, pintado em cores alegres, e ainda "Pátio do Stella Maris", que lembra o estilo de Rousseau. O autorretrato de José Antonio Da Silva parece um mosaico, com seus efeitos contrastantes de claro-escuro. Sazon Flexay e Flávio Tonahla apresentam boas contribuições, na corrente "tachista".

A interessante mostra, precedida, há alguns anos, por uma exposição muito importante de Arquitetura Brasileira, dá ensejo ao conhecimento das produções artísticas brasileiras, que, através do seu grande entusiasmo pela cultura, são merecedoras de admiração. A integração no internacional, episódio pela criação dos Biennais de São Paulo, não impediu a arte moderna brasileira de manter-se fiel ao caráter nacional, a valores culturais próprios que, seguramente, a levarão a estágios ainda mais ricos.

"Das Kleine Volksblatt" — Viena.

Emiliano Di Cavalcanti transforma as proporções do corpo feminino. Seu destruir as formas, aumenta ele suas riquezas sensuais. Legiões de obras mostram influências das escolas europeias. Ione Saldanha e Maria Helena Andres Ribeiro confessam-se na linha Kandinsky, enquanto Décio Vieira, Milton Dacosta e Raymundo Nogueira fazem o mesmo em relação a Mondrian. Franz Weissmann (nascido na Áustria e naturalizado brasileiro) e Luiz Sacilotto mostram, em suas esculturas de ferro, reflexos do mundo formal da moderna arquitetura brasileira. Kásmér Fejer usa flexíveis para seus pequenos objetos.

"Oboersterreichische Nachrichten" — 2-11-59.



EXPOSIÇÃO NA ACADEMIA: "O CANGACEIRO"

Nas salas de exposição da Academia de Schillerplatz pode-se ver o retrato de um

tácticamente". Com traje fantásticamente gracioso, arma na mão e o eito de balas cruzado sobre o peito, está ele, magrinho, sentado num banco, contra o fundo amarelo-claro. Os "Cangaceiros" eram ladrões, na linha do italiano Rinaldo Finaldini, de Graal e do alemão Michael Kohlhaas. A fama desses legendários bandidos era, também no Brasil, a de que roubavam dos ricos para dar aos pobres. Eles são personagens das canções populares, selvagens, companheiros de armas, testemunhas de um povo que, como todos os "ladroses românticos", tem fome de justiça, e para quem a justiça e a lei existentes não bastam para saciar esta fome.

Como anos vingadores, anos justicieros, são recebidos todos os violadores da lei. Cândido Portinari é o pintor líder do Brasil, e a principal atração da Mostra da Academia, que vem de Munique. O merecimento do artista foi tornar a pintura do seu país, que tinha-se tornado, nos últimos 20 anos, extremamente hermetica, novamente ao alcance do público.

Sob o aspecto formal, a arte de Portinari, que revela profunda ligação com seu povo, pode ser esquematizada em três aspectos: influências do impressionismo (as cores frequentemente muito claras, levemente atmosféricas), de certas modificações cubistas (como em Picasso), e do verismo expressivo da pintura monumental mexicana de um Siqueiros, Orozco ou Rivera.

O resultado é algo de completamente brasileiro e definido, através da personalidade de Portinari. Possui qualidade. Ao lado da "Índia" com criança, vemos uma "Dançarina Carajá" e as figuras queixosas e lastimosas do grande painel "A Guerra". A perspectiva fugida do "Morto" com pes e mãos de tamanho aumentado, é de grande força.

A pintora Djanira apresenta "Ceifadores de Arroz" e a vida num "Mercado de Peixe". Novamente cores claras. As formas são pequenas e, mais fortemente do que em Portinari, observa-se um caráter ingênuo.

Elisa Martins da Silveira — situa-se entre Grândima Moraes e Henri Rousseau. O seu quadro "Canudos", delicioso e movimentado, mostra o movimento camponês semi-régio do mesmo nome, que lutava por uma reforma agrária e

contra o poder dos latifundiários. As figuras são representadas pedindo e lutando. A esquerda: os rebeldes, armados apenas com facas, lutam contra os soldados, que atiram com espingardas; cá e lá confraternizam-se revolucionários e soldados. A direita, os devotos. E, na extrema-direita, na parte superior, está pendurado um representante das forças do governo, sem cabeça, numa árvore. Os sapatos, propriedade inacessível para um índio, foram descalçados e estão pousados no chão, como botim de guerra.

Ao serivo divino está dedicado o quadro "Processão", formalmente uma mistura no gênero indígena, povoado de pequenas e estilizadas figuras.

Emiliano Di Cavalcanti, um dos precursores da Arte Moderna no Brasil, ainda antes de Portinari, pintou nus de mulheres tempestuosamente bonitas, de gênero cubista. As cores são escuras e sombrias. Um castanho, um vermelho, brilham cá e lá. Clara Heteny representa "Fechadas". "Campos" em finos contornos, muito simples e em cores muito suaves, nos tons de cinza-azul-castanho.

Uma grande parte da Exposição foi reservada à arte abstrata. Em abstrações geométricas vemos exercícios sobre os temas de Mondrian e Malevitch, Doesburg e Casarely, de maneira não pior que seus emulos europeus. Exatidão e virtuosismo, as qualidades destes quadros, estudados, complicados ou simples, muito simples. Lygia Clark, Lothar Charoux (um emigrante da Áustria), Waldemar Cordeiro e Alfredo Volpi são alguns dos nomes mais importantes. No terreno do "tachismo" reinam Mário Francini e Manabu Mabe.

Em parte abstratos, em parte gravadores, ou "Pintores atrás de vidro", brilham: Aldemir Martins, Abraham Palatnik, Fayga Ostrover, Franz Weissmann e Lasar Segall, que durante o período expressionista de Berlim, nos anos 20, teve um papel muito importante. Que a Academia nada haja exposto de sua coleção é seguramente uma pena nesta mostra de tanto mérito, da qual o pai espiritual é o conselheiro do Brasil em Munique e que, através da Sociedade Cultural Austríaca, nos foi tão oportunamente trazida.

Johann Muschik, do "Neues Österreich".